

 <p>ESCOLA DE HUMANIDADES</p>	<p>NAVEGAÇÕES</p> <p>Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa</p> <p>Navegações, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-4, jan.-dez. 2023</p> <p>e-ISSN: 1983-4276 ISSN-L: 1982-8527</p>
<p>http://dx.doi.org/10.15448/1983-4276.2023.1.44019</p>	

SEÇÃO: RESENHAS

Misericórdia de Lídia Jorge: uma cartografia da condição humana

Misericórdia by Lídia Jorge: a cartography of the human condition

Dora Nunes Gago¹

orcid.org/0000-0002-6300-1575
doragago@sapo.pt

"I believe man will not merely endure, he will prevail...because he has a spirit capable of compassion and sacrifice and endurance".
(William Faulkner)

Recebido em: 7 mar. 2023.
Aprovado em: 24 mar. 2023.
Publicado em: 13 jul. 2023.

Certos livros têm o dom, o poder de nos arrebatam, de semear em nós um vulcão de emoções que nem sabemos bem como extravasar, obras onde se pode reflectir o nosso passado, presente e futuro, talhadas com uma mestria que nos deslumbra – assim é *Misericórdia*, de Lídia Jorge, publicado pelas edições Dom Quixote, em Portugal, em outubro de 2022.

Com efeito, se a excelência e o prestígio da premiada e vastamente traduzida obra de Lídia Jorge são incontestáveis, *Misericórdia* consegue o que aparentemente pareceria quase impossível neste panorama: ir ainda mais além, na reinvenção de uma cartografia da condição humana – ancorada no enorme gosto evidenciado pela protagonista, Dona Alberti, pelo Atlas, cruzado inclusive com os caminhos do amor. Isto porque o primeiro Atlas lhe fora oferecido, no início do relacionamento, pelo pai da sua filha, Edgar de Paula, o sedutor por quem se apaixonou.

Acompanhamos, assim, o último ano de vida de Maria Alberta Nunes Amado, ou Dona Alberti, como é chamada, assumindo-se o texto como a transcrição infiel "de um arquivo áudio com duração de 38 horas" contendo os seus depoimentos, "gravados entre 18 de Abril de 2019 e o dia 19 do mesmo mês do ano seguinte, num Olympus Note Corder DP-20" (JORGE, 2022, p. 9). Instaura-se, por conseguinte, um ponto de partida alicerçado na verosimilhança, de teor testemunhal. A gravação é povoada de risos, lágrimas, por vezes, de música (*Misere* cantado por Zuchero Fornaciari e Luciano Pavarotti, ou o *Misereri moi* de Gregorio Allegri). Também os objectos que acompanham a protagonista são referidos: o pequeno saco de pano, o bloco, o colar, os brincos o anel, a funcionarem como uma espécie de sinédoques de um percurso vivencial.

Dona Alberti é uma senhora de idade avançada, a residir no Hotel Paraíso, um Lar da Terceira Idade situado em Valmares (espaço que já surge, por exemplo em *O vento assobiando nas ruas* [2002]). Desde as



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Nova de Lisboa (UNL), Centro de Humanidades (CHAM), Lisboa, Portugal.

primeiras linhas, sentimos uma profunda empatia com ela, como se fizesse parte da nossa família. Talhada na tinta da palavra, parece tão ou mais real do que gente de carne e osso com quem nos cruzamos diariamente, sendo dotada de notável densidade, consistência, de um humanismo alicerçado numa rectidão de carácter, força, resistência, coragem (revelada em cada um dos seus combates com a noite, monstro esfingico a metaforizar a morte), orgulho, pequenas obsessões, como por exemplo a de descobrir qual o país que tem como capital Baku:

E percorria em imaginação as páginas do meu *Atlas* antes de ter sido destruído, folheava-o na minha mente sem pressa alguma. Pois se o nome do país de que é capital Baku não surgisse ao longo da manhã, haveria de chegar no decorrer da tarde. Eu sou daquelas pessoas que não pensa que a esperança é a última a morrer. Eu penso que a esperança é simplesmente imortal (JORGE, 2022, p. 17).

Este Atlas que lhe ficou gravado na memória assume-se também como mapa através do qual vai assimilando, tentando entender aspectos do mundo exterior. Um entendimento enraizado nas memórias de comunhão com a Natureza, num vínculo profundo com a dimensão mais pura e genesiaca da vida humana. Aliás, o Hotel Paraíso funciona como poderosa metáfora da vida e simultaneamente, microcosmos da nossa sociedade actual, onde "tudo passa", sendo a natureza e os seus elementos constantemente convocados como elos de relação da personagem com o exterior que escolheu abandonar. Nesta esteira, os temas que atravessam a obra são diversos: os equívocos e incompreensões, a instabilidade, a precariedade das relações laborais, a importância da atenção e do cuidado ao Outro, a imigração, a discriminação, a crueldade, o amor nas suas diversas vertentes (entre mãe e filha, convertido em paixão, o amor pela vida, pelos outros...). Alia da a estas temáticas, emerge a ideia de exílio, associada ao declínio, o confinamento de uma alma retida num corpo que já não comanda, que parece nem sequer lhe pertencer, pois tal como se refere: "aqui onde me encontro nenhum canto é meu, nenhum objecto me pertence, até mesmo

o meu corpo não é mais um recanto privado da minha alma como antes era" (JORGE, 2022, p. 70). Ou ainda: "Há anos que mal caminho [...], e a sensação que tenho como acabei de dizer, é de exílio. Mas ainda assim, recorro à memória para sair destes muros e triunfar sobre o meu estado de reclusa". Por conseguinte, um dos mecanismos que permite atenuar essa sensação de exílio é precisamente o profundo conhecimento e relação com a natureza: "Até agora, mesmo cercada por estas paredes, sei como lá fora a Primavera se anuncia" (JORGE, 2022, p. 120) ou ainda "Estar viva é lembrar-me dos movimentos do tempo e do ritmo da floração" (JORGE, 2022, p. 121).

Esta comunhão estabelecida entre um denso e riquíssimo universo interior e o mundo exterior é-nos fornecida, através de uma convocação dos vários sentidos e sensações, sendo o olfacto um dos privilegiados, por ser aquele que possibilita o estabelecimento de uma relação mais profunda com o mundo circundante, com os outros, para além de se assumir, como preconiza Anne Muxel em *Individu et memoire familiale*, como "arquivista do efémero" - "Lembranças do meu jardim salvaram-me [...]. Por esta altura [...] o azul escorrega pelos muros afora, as rosas são copos de perfume cor-de-rosa, eu sei" (JORGE, 2022, p. 65). Além disso, o cheiro anuncia e caracteriza profundamente algumas personagens, modificando-se de acordo com a sua evolução, como sucede com Lilimunde, a jovem funcionária oriunda do Pará: "Mas noto que Lilimunde não cheira mais a bergamota. Desde que faz noites no bar do Justino, cheira a alguma coisa indefinida, talvez a sândalo diluído em aroma de fenos, nada de tilia, nada de peónia" (JORGE, 2022, p. 178). Nesta esteira, tal como refere Reinarz em *Past scents. Historical perspectives on smell*, os cheiros revelam elementos dos objectos, pessoas e lugares dos quais emanam. Encontrando-se impregnados de significado, são muitas vezes vistos como "essências intrínsecas" com o potencial de revelar verdades interiores (REINARZ, 2014, p. 25). Neste contexto, a noite, constante inimiga, é pressentida, por exemplo, pelo seu "cheiro ácido" (JORGE, 2022, p. 200) e outros odores a transportarem co-

notações negativas, relacionadas com desordem, doença, morte. Como contraponto à escuridão devoradora da noite, há também a luz do amor, da beleza que pode ser personificada pela imagem do sargento João Almeida, para além do sentido do humor que assoma em diversas passagens a acender o sorriso ou o riso, como sucede no alcinha atribuído a uma das funcionárias do Hotel Paraíso, chamada de Bosch devido à sua rapidez e eficiência: "Obrigada, Bosch, aprecio pessoas assim. As fraquinhas podem chamar-se Indesit" (JORGE, 2022, p. 99).

Simultaneamente, maravilha e desconcerta consciencializarmo-nos da grandeza das pequenas coisas – "E as pequenas coisas eram muito grandes" (JORGE, 2022, p. 175) –, do facto de a vida, a morte e o amor poderem concentrar-se numa frase escrita por um homem belo, guardada no saco de pano que se carrega ao peito, ou de quanta generosidade pode conter a oferta de uma banana.

Do mesmo modo também a literatura emerge, tanto através dos conselhos da protagonista à filha escritora, como através de múltiplas relações intertextuais, de entre as quais se destacam dois contos do escritor Luís Sepúlveda também vitimado pelo Covid em 2020 (homenageado no final da obra, tal como a mãe de Lídia Jorge que lhe pediu que escrevesse este livro). Os contos referidos, "Salve, Professor Galvez" e "Carvatori", constituem também hinos de esperança e resistência sendo lidos por um jovem a Dona Alberti.

Em suma, *Misericórdia*, numa ousada, original hibridez, mesclando, de forma harmoniosa e magistral, o romance, o diário, testemunho, crónica, delinea-se como canto de esperança, de vida, de resistência, de respeito pela dignidade humana, ainda mais imprescindível nos momentos de profunda vulnerabilidade. Momentos em que o respeito pode ser violado através do simples gesto de empurrar uma cadeira de rodas "como um fantasma mudo" (JORGE, 2022, p. 360). Deste modo, quando até o nosso próprio corpo deixa de nos pertencer, a misericórdia consubstancia o maior bem: "Uma delas passou as mãos pelo

meu corpo agasalhando-me. Como se merecesse, tinham misericórdia de mim" (JORGE, 2022, p. 376). No fundo, perante a efemeridade de tudo, num mundo assolado por guerras, pandemia, uma imensidão de problemas sociais, perante a inevitabilidade da passagem do tempo, da passagem de tudo, resta o lenitivo das pequenas coisas – "estou com as coisas pequenas, as simples, as que não fazem ruído nem ocupam espaço. São mais fiéis, agarro-as melhor e não fogem tão rápido" (JORGE, 2022, p. 165). E neste contexto, a funcionar como arquivo das pequenas coisas que bordam a grandeza de cada existência, a literatura expande-se, intensifica-se como arte "de fazer amor com o universo inteiro" (JORGE, 2022, p. 164). Aliás, nesta cartografia da condição humana, o amor transparece em cada linha da obra, nas suas múltiplas manifestações como um dos princípios da vida – "Amar para se viver. Viver, viver era ter amor, fazer amor, desejar o amor, até ao fim da vida" (JORGE, 2022, p. 450). E neste contexto, o além é "um livro que não tem fim. Cada página uma vida, cada vida uma página, quantas mais vidas, mais páginas" (JORGE, 2022, p. 456). Por outras palavras, esta é uma obra que nos ilumina, semeando a profunda reflexão sobre o nosso papel na Terra, o modo como nos relacionamos com os outros, a forma como procuramos permanecer e prevalecer (na linha das palavras de Faulkner apresentadas em epígrafe) agarrados à vida, independentemente das circunstâncias, tantas vezes apenas sustentados por uma âncora à qual poderemos chamar misericórdia.

Referências

- FAULKNER, William. Banquet speech. In: *NobelPrize.org*. [S. l.]: Nobel Prize Outreach AB, Mon. 13 Mar. 2023. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1949/faulkner/speech>. Acesso em: 24 out. 2022.
- JORGE, Lídia. *Misericórdia*. Lisboa: Edições Dom Quixote, 2022.
- MUXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris: Hachette, 2007.
- REINARZ, Jonathan. *Past Scents. Historical Perspectives on Smell*. Chicago: U of Illinois Press, 2014.

Dora Nunes Gago

Doutora em Literaturas Românicas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), em Lisboa, Portugal; mestre em Estudos Literários Comparados pela mesma universidade. Professora na Universidade de Macau de 2012 até 2022. Investigadora doutorada integrada do Centro de Humanidades (CHAM), da Universidade Nova de Lisboa, em Lisboa, Portugal.

Endereço para correspondência

Dora Nunes Gago
Universidade Nova de Lisboa
Centro de Humanidades – CHAM
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna, 26-C
1069-061
Lisboa, Portugal

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.